



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: ANTONIO CARLOS RODRIGUES

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA – PL 479/2011 (ORÇAMENTO)

LOCAL: Associação Comercial de São Paulo – Distrital Mooca

DATA: 06 de novembro de 2011

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Lista de participantes não fornecida
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Qualidade de som incompatível com a transcrição
- Intervenção, expressão ou palavra ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Declaro abertos os trabalhos da 34ª Audiência Pública que a Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara Municipal de São Paulo realiza neste ano de 2011, sendo a 6ª Audiência Pública Regional, a 2ª Audiência na Regional Leste, no calendário elaborado para discutir o PL 749/2011 de autoria do Executivo que estima a receita e fixa a despesa do Município de São Paulo para o exercício de 2012.

Os Srs. Vereadores que compõem a Comissão de Finanças e Orçamento são: além de Ricardo Teixeira, que sou eu e estou presidindo a audiência pública, Antonio Carlos Rodrigues, Francisco Chagas, Donato, Milton Leite, Atilio Francisco, Roberto Tripoli, Aníbal de Freitas e Celso Jatene.

Informo que esta reunião está sendo transmitida, ao vivo, pela internet, através do portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.camara.sp.gov.br no link Auditorios On Line.

Pedi para compor a Mesa a Sra. Wanda Herrero, Presidente do Conseg do 8º DP; o Sr. Benedito Pereira – Benê – representando a Liderança do Governo na Câmara Municipal de São Paulo; o Sr. Antonio Mathias, representante da Subprefeitura da Mooca; Sr. Julio Cesar Olivieri – Julinho – Diretor Superintendente da Associação Comercial.

Peço para dar suas palavras iniciais, como dono da Casa e dono do espaço, o Diretor Superintendente da Associação Comercial, Sr. Julio Cesar Olivieri.

O SR. JULIO CESAR OLIVIERI – Bom dia a todos, é com imenso prazer que recebemos a Câmara Municipal nessa discussão do Orçamento. Isso é muito importante para nossa região, sendo que se tratam de assuntos da Subprefeitura da Mooca e da Vila Prudente, as quais abrangem 90% do que a distrital cobre.

Será muito proveitoso e agradeço ao Ricardo por ter escolhido essa Casa. É com imenso prazer que nós também fizemos questão de lhe ceder o espaço. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Peço as considerações iniciais também do Mathias, representante da Subprefeitura da Mooca.

O SR. ANTONIO MATHIAS – Bom dia a todos, estou aqui como representante da Subprefeitura da Mooca.

Quero ajudá-los na dúvida que tiverem, e o que não for possível dirimir, será anotado e encaminhado para o Subprefeito para providências. Responderei pelo que estiver à minha altura, e o que não, será anotado. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Peço para Sra. Wanda, Presidente do 8º Conseg, da região, também dar seu bom dia dia.

A SRA. WANDA HERRERO – Muito obrigada, Vereador Ricardo Teixeira. Parabéns pelos seus trabalhos. Parabéns à Associação Comercial de São Paulo por ter realizado esse encontro. É muito importante para nossa Cidade a Mooca estar presente. Um bom dia a todos e bom trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Peço ao representante da Liderança do Governo na Câmara Municipal, Sr. Benedito Pereira, para dar seu bom dia também.

O SR. BENEDITO PEREIRA – Bom dia a todos, sinto-me honrado de estar aqui ao lado do nosso Vereador Ricardo Teixeira e o mais importante é que eu cresci na Mooca, estudei no Colégio São Judas, da 4ª série até o último ano da faculdade e também por isso é uma honra compartilhar dessa reunião.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – O professor Celso Bianchi Barroso, ele que é Presidente do Conselho Comunitário da Saúde da Mooca, peço que venha à frente dar seu bom dia, por gentileza, embora as cadeiras à Mesa já estejam ocupadas, sua saudação nos é muito importante.

O SR. CELSO BIANCHI BARROSO – Bom dia aos membros da Mesa, bom dia a todos, desculpem-me pela voz, pois tivemos um evento no Juventus que foi até tarde, mas fiz questão de comparecer porque se trata de um assunto pertinente e toda população deveria estar presente, porque mexe com a nossa vida e nosso dia a dia.

Parabenizo o Vereador Ricardo por essa atividade, o Julinho precisa desse espaço

e nós estamos à disposição para colaborar com alguma coisa.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) - Obrigado, Prof. Celso. Para fazer uma explanação inicial do Orçamento 2012 para a cidade de São Paulo, chamo o Sr. Adriano que dará os principais números da Peça Orçamentária.

Tem a palavra o Sr. Adriano.

O SR. ADRIANO – Bom dia a todos. Sou técnico da Consultoria de Orçamento da Câmara Municipal de São Paulo. Acho que todos receberam esse folheto com alguns dados que foram compilados. Farei a apresentação inicial.

A proposta orçamentária para 2012 prevê uma receita orçada do Município de, aproximadamente, 38 bilhões de reais. Essa receita está dividida em, aproximadamente, 35,5 bilhões de reais para a Administração Direta, que compreende a Prefeitura e seus órgãos como a Câmara Municipal e o Tribunal de Contas, o restante é a receita da Administração Indireta como Autarquias Hospitalares, HSPM, Iprem e a Cohab.

Esses 38 bilhões de reais que se espera que entre como receita serão gastos, principalmente, nas áreas de educação, saúde, previdência – o pagamento das aposentadorias dos servidores municipais - e os encargos com a dívida.

Temos quatro tabelas. A primeira traz os dados da despesa orçada para todos os órgãos. Constam os históricos para 2010 e 2011 e a proposta de 2012. Explicarei um pouco o título de cada coluna. A proposta de 2012 é o Orçamento como é enviado pelo Executivo à Câmara Municipal para ser discutido pelos Vereadores. Esse Orçamento é votado e se torna o valor orçado, que pode aumentar ou diminuir mais tarde devido a suplementações ou remanejamentos, que é o valor atualizado e o que é, efetivamente, comprometido com despesas é o valor empenhado.

Então, temos, na primeira tabela, a lista de órgãos do Município de São Paulo; o valor atualizado e o empenhado para 2010; o orçado, o atualizado e o empenhado para 2011.

Os dados para 2011 são atualizados e empenhados até 30 de setembro e o valor da proposta de 2012. As últimas três colunas são comparações entre as colunas anteriores. Então, permite acompanhar os valores para os órgãos Municipais.

A segunda tabela detalha o total para cada Subprefeitura. Temos as mesmas categorias: o atualizado, o orçado para cada uma das 31 Subprefeituras.

A terceira tabela traz uma apresentação da despesa dividida em grandes grupos, o que chamamos de classificação econômica, que é técnica e os grandes grupos são: gastos de pessoal, gastos com juros e encargos da dívida, outras despesas correntes como material de consumo e serviços de terceiros, despesas de capital – investimentos, inversões financeiras, amortização da dívida e a reserva de contingência – também dados para 2010, 2011 e 2012.

Existe, também, uma tabela da receita da Administração Direta da Prefeitura e, por fim, uma tabela com os gastos detalhados da proposta orçamentária para cada uma das Subprefeituras que compõe a região Leste, conforme a classificação que o Município faz em regiões. Então, essa última tabela tem os gastos previstos para 2012 em cada Subprefeitura da região Leste e as várias contas: intervenção, urbanização e melhoria de bairros, construção de equipamentos das Subprefeituras, administração dos Conselhos Tutelares e assim por diante. A última linha mostra o total para cada Subprefeitura.

É isso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Agradeço ao Adriano. A Sra. Wanda me perguntou se esses números já estão batidos ou podem sofrer alguma alteração. Pode e é por isso que estamos aqui. Caso algum de vocês entenda que falta alguma coisa, pode inserir esse pedido. A Comissão de Finanças está realizando essas audiências públicas para obter da população um referendo e também propostas de emendas em assuntos que ainda não estejam registrados. Esses números já foram publicados no *Diário Oficial* e estão na internet há algum tempo. Haverá a realização de outras audiências públicas. Se vocês acessarem o *site* da Câmara Municipal, nele constam as audiências públicas registradas. É importante a

participação de todos. Os grandes números estão aqui, mas é importante trazer a nossa contribuição.

Eu, por exemplo, separei dessa folha que vocês têm a da Subprefeitura da Mooca. O Orçamento – como dito pelo Adriano – na cidade de São Paulo é de quase 38 bilhões de reais e para a Subprefeitura da Mooca existem quase 37 milhões de reais previstos, distribuídos em intervenção e melhoria de bairros, cem mil reais; construção e ampliação de equipamento da Subprefeitura, 50 mil reais; administração dos Conselhos Tutelares, 347; locação de veículos, máquinas pesadas e equipamentos, 534; conservação de imóveis próprios e locados da Subprefeitura, 36; manutenção de vias, logradouros e áreas públicas, 4,827 milhões de reais; limpeza manual de córregos, 860 mil reais; limpeza mecânica de córregos, 60 mil reais; limpeza de bocas de lobo e postos de visita, 5,395,440 milhões de reais; administração da Subprefeitura, 17,841 milhões de reais; conservação de áreas verdes, 3,332 milhões de reais; manutenção de galerias, córregos e canais, 3,484 milhões de reais e operação e manutenção de unidades de abastecimento, 40 mil reais.

Peço ao Matias que faça a leitura dos grandes números da Subprefeitura da Vila Prudente, uma vez que esta audiência pública é voltada para essas duas Subprefeituras: Mooca e Vila Prudente.

O SR. MATIAS – Dispomos dos números das verbas destinadas à Vila Prudente e Sapopemba, área que abrange a Subprefeitura da Vila Prudente. Quanto à intervenção urbana e melhoria de bairro, cem mil reais; construção, ampliação e reforma de equipamento da Subprefeitura, 50 mil; administração dos conselhos tutelares, 844 mil; locação de veículos pesados, máquinas e equipamentos, 823 mil; conservação de imóveis próprios e locais da Subprefeitura, 40 mil; manutenção de vias, logradouros e vias públicas, 4 milhões e 887 mil; limpeza manual de córregos, um milhão e 600 mil; limpeza mecânica de córregos, 191 mil; limpeza de bocas de lobo e postos de visitas, 2 milhões; manutenção de piscinões, (palavra inaudível) e outros sistemas de drenagem, 2 milhões e 37 mil; administração da Subprefeitura,

14 milhões e 849 mil; conservação de áreas verdes e vegetação arbórea, 2 milhões e 992 mil; manutenção de galerias, canais e córregos, 3 milhões e 580 mil; operação e manutenção de unidades de abastecimento, 40 mil reais. Esses são os números da Subprefeitura da área de Vila Prudente/Sapopemba.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) - Esses foram os dois grandes números de Vila Prudente e Mooca e o Adriano já havia falado os números principais de toda a cidade de São Paulo, vamos tomando conhecimento desses números e propondo aqui. Quero citar e agradecer a presença do representante da AMA/Mooca, Sr. Pedro Perduca (?).

O SR. PEDRO – É um momento único participar desta audiência da Câmara Municipal e saber que vieram ouvir as nossas reivindicações. A Mooca é um bairro que todos conhecem, centenário, e os problemas são grandes, são iguais aos de outros locais, mas é onde vivemos e interessa sabermos onde serão alocados os nossos recursos.

Isso deveria ser de praxe, não sei se o é e se todos os anos a Câmara Municipal faz isso, mas sendo, fico contente porque é uma maneira de sabermos onde os condôminos estão colocando seu dinheiro, porque o condomínio é grande e todos querem saber onde o dinheiro está sendo gasto.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Tem a palavra a Sra. Wanda Herrero, que é presidente do Conseg, pois já está com proposta, já estudou o Orçamento.

A SRA. WANDA HERRERO – De uma certa forma sim; resta saber se será aprovado. Audiência Pública, Orçamento 2012, proposta Conseg, Brás/Mooca/Belenzinho, Van Guerreiro, Presidente. A questão mais primordial que temos na nossa região são as enchentes. Locais: Rua Visconde de Parnaíba, trecho: do entorno do Museu da Imigração e também do Largo do Ubirajara, trecho do entorno do Viaduto Guadalajara, Rua Padre Adelino, Av. Radial Leste com a Alcântara Machado.

Enchente que perdura mais de 20 anos. Causas: redução da capacidade de

evasão, de nossas drenagens, pelo volumoso assoreamento, provocado pelos milhões de metros cúbicos de sedimentos que anualmente provém dos intensos processos erosivos que ocorrem nas frentes periféricas de expansão urbana; o problema da impermeabilização generalizada da Cidade e o excesso de canalização de curso de água.

A nossa solicitação é que seja feito um projeto envolvendo o Ministério da Infraestrutura Urbana, que tem verba suficiente para cobrir as despesas. No ano passado, tinha uma média de 680 milhões, aproximadamente, e foram usados somente 120 milhões, para vocês verem. E vai chegando ao final do ano volta tudo novamente.

Ou solicitar à Associação dos Geólogos da USP que realizem o projeto, tendo em vista que muitos geólogos já trabalham na Sempla e conhecem bem a estrutura pública e poderiam fazer um ótimo projeto. O importante é acabar com as enchentes nessa área, levando em conta o assoreamento do rio Tietê, principalmente perto da área da USP Leste.

Esse (Ininteligível) é responsável por redução de até 80% da vazão das enchentes na cidade de São Paulo.

Caso da enchente da Rua Visconde do Parnaíba – o Memorial do Imigrante.

No dia 23 de janeiro, uma segunda-feira. E dia 25 de janeiro é o dia de São Paulo, então os órgãos públicos não tinham condições de nos atender. Depois que ficamos sabendo que poderia ter acionado outro órgão.

Aí acontece o seguinte: tiveram centenas de pedidos nessa área.

A Cel. Sueli, coitada, atendeu, de certa forma, todos os pedidos de limpeza da sujeira. Teve gente que chegou na quarta-feira em casa, abriu a porta e a lama saía de dentro da casa. Isso na Rua Visconde de Parnaíba – nem vou citar outros lados por aí.

Então encaminho uma proposta à Mesa, porque já faz anos. Aconteceu esse ano, por uma indulgência, talvez.

A segunda proposta diz respeito à remoção dos ocupantes da Rua João Antônio de Oliveira, 59.

Histórico: a Condessa Marina Crespi partilha na cultura histórica da arquitetura paulista, trazendo projeto do arquiteto italiano Giovanni Batista Bianchi, que emigrou para o Brasil, e cujas criações eram direcionadas para as famílias Matarazzo e Crespi, entre outras.

O Cotonifício Crespi era assim distribuído em edifício fabril, vila operária, campo de futebol, escola e creche, para atender os trabalhadores na fixação local.

A Cidade, nesta época, não tinha condições suficientes para ocupar esse desenvolvimento. E os grandes industriários eram os realizadores de construções de uso e ocupação do solo. A creche é um caso de interesse social.

Situação atual: a Creche Marina Crespi teve ocupação iniciada em maio de 2010; e as justificativas foram apresentadas ao Conpresp em 22 de junho de 2010, por se tratar de arquitetura histórica.

Não houve até esta data, hoje, o cadastramento das famílias, das pessoas que estão ali alojadas, pela Secretaria Municipal de Habitação ou outros órgãos correlatos.

No dia 25 de abril de 2011, houve uma decisão de despejo pela Justiça. O Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, por sua vez, apresentou recurso contra a decisão, até que a Prefeitura do Município de São Paulo busque energia para os programas sociais que existem nos âmbitos federal, estadual ou municipal, para que a reintegração seja humanamente bem-sucedida.

A nossa sugestão é a de que o imóvel seja devolvido, cumprindo a sua função para o qual foi construído: uma creche para atender as mães que trabalham no bairro. Isso poderia ser permutado por um dos imóveis que passaram por desafetação, conforme publicação no Diário Oficial da Cidade de São Paulo em 1º de julho de 2011, na Rua Itajaí e Praça (Ininteligível). Assim, a Mooca estaria contribuindo para o ativo de mais uma creche instalada na Capital, bem como para a melhoria digna e democrática para a qualidade de vida dos que ocupam o local, sendo um exemplo para as crianças.

A creche foi construída em forma de “j”, e tem uma estrutura naval. É interessante.

Tenho a planta, bem como algumas informações da mídia que eu recolhi.

Conversei, nesta Comissão, com a advogada esta semana. E ela está esperando que realmente essas famílias sejam chamadas, para que haja a reintegração.

Por que estou aqui e por que faço esse pedido?

Porque no mês de julho eu recebi muitos “pedidos” de roubo.

Teve um dia que eu passei pela Rua dos Trilhos, dez horas da noite, e estava a Rota lá.

Os alunos do Anhembi-Morumbi estavam de férias, e eles constituem o nicho de trabalho do pessoal dali. Roubam celulares, carros, etc. Tudo está registrado na 3ª Cia. do 45º Batalhão de Policiamento Militar Metropolitano. São dados, fatos.

Quando chega de madrugada, o pessoal ia para cima dos estabelecimentos – da Rua Javari, o Pet Shop, etc. –, e pegavam as coisas que estavam precisando.

Por último, solicitamos algo que constou na nossa ata de agosto.

Pedimos que a Rua Coimbra se torne uma rua dos latinos, a exemplo do Bairro da Liberdade, que tem a feira oriental. Com isso, haveria valorização da cultura, organização comercial e cultural dos povos, policiamento constante, subprefeitura na organização objetiva da coleta de lixo e Prefeitura licenciando as barracas. Porque amanhã, se os senhores forem às nove horas da manhã, aquilo estará um desastre.

A Rua 21 de Abril e a Rua Coimbra estão um desastre: sujeira, barracas em cima da calçada. Então as coisas precisam ser organizadas pelo Poder Público, para que essas coisas não ocorram mais.

Agradeço a oportunidade da palavra. Peço desculpas por ter me aprofundado. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – A participação da Vanda é como gostaria que fosse a de todos. Tínhamos um inscrito, a Vanda, e agora o Prof. Celso. O nosso presidente, o Julinho, vai pedir a palavra.

As colocações são pertinentes. Trata-se de área da cidade de São Paulo. Tem propostas, como ela disse, para as quais é possível buscar recursos fora da Cidade.

E esse é o nosso objetivo: ouvir e registrar esses pleitos. Lembrando que tudo que ela falou está sendo gravado, será registrado e irá junto com a Peça Orçamentária que será aprovada.

Caso não seja aprovada algumas das propostas que ela fez, de qualquer modo as propostas ficaram registradas, até para que o Executivo faça um novo estudo. Se não puder em 2012, mas que em 2013 venha dar uma resposta se coloca ou não nesse orçamento.

Então coisas colocadas aqui podem, sim, acontecer neste orçamento que está sendo feito – por isso que estamos construindo o orçamento com vocês. Coisas maiores, como uma galeria, alguma coisa assim, se não estiver previsto, pode ser colocada na frente. Mas a importância de a gente trazer a Câmara Municipal para debater com a sociedade é essa: saber o que precisamos fazer. Tem dinheiro? Não tem? Enfim, fazer a discussão e priorizar as coisas.

Passo a palavra ao nosso anfitrião, o Julinho.

O SR. JÚLIO CÉSAR OLIVIERI – Vereador, no que diz respeito às propostas da Associação Comercial, nós temos um Comitê Municipal de Política Urbana, que é implantado aqui, e hoje o Antônio Viotto Netto é o coordenador desta distrital. Eu faço parte do Comitê Municipal de Política Urbana, eleito por esta comunidade. Temos um membro nosso que é eleito pelo Cads, assim com a Vanda, que é conselheira do Cads; e faço parte do Fundurb. Então acho que vai dar para a gente ajudar nossa região no Comitê de Política Municipal e no Fundurb, alocando um pouquinho mais das verbas para gente.

Sabemos que a Mooca vai sofrer com a Operação Vila Carioca-Mooca uma grande intervenção.

No dia 25 de outubro, saiu no *Estadão* o projeto de 2010, que está sendo estudado pela Câmara Municipal, e que diz respeito à revitalização da região Vila Carioca-Mooca.

Sabemos do impacto que isso vai provocar. E estamos com uma luta, junto com o Secretário Miguel Bucalem, com os empresários da área de ferro e aço da região da Rua Caririri (?).

Eu fiquei impressionado porque são 330 empresas que geram 15 mil empregos na região, é uma ZUP que na revisão do Plano Diretor, com a implantação do projeto Vila Carioca, o que vai acontecer? Temos o interesse pelo Parque da Esso, precisamos saber o que vai ser feito. No Orçamento temos 20 mil reais alocados em 2011 para algum estudo no Parque da Esso e não foi agora alocado nada. Precisamos saber do que vai ser feito com o terreno do Parque da Esso, se vai ser realmente um parque ou não. Nessa mesma reportagem saiu que a Mooca ocupa a 24ª colocação em área verde, abrangendo 3,38 metros quadrados de área verde por habitante, sendo que pela Organização Mundial deveria ser seis metros quadrados. Essa é uma questão.

Uma das reivindicações também, como a Vanda falou sobre bairro temático, a AMOVISA no seu 84º aniversário, realizado o mês passado, junto com a Associação Comercial, estamos tentando fazer um bairro para os povos do Leste Europeu, aos lituanos, aos russos da região, seria uma área temática. E junto com a AMOVISA a intenção fazer como no bairro da Liberdade, a cultura do Leste Europeu, são etnias que representam a região.

A questão do VLT chegando na região da Vila Prudente, com o metrô houve degradação da área no entorno da estação. Agora com a integração do VLT vai haver benefício, mas precisamos saber o que vai ocorrer com o terreno ocupado antigamente pela empresa Linhas Corrente. Metade dele, 80 mil metros quadrados foram para o metrô, mas há ainda 70 mil metros quadrados, nós não sabemos para aonde foi. Então, dentro das propostas do Orçamento não somente virar um parque, mas sim com equipamentos públicos naquela área. Isso seria muito interessante. Na realidade, a implantação nesse Orçamento do parque linear em toda a Anhaia Mello, Sapopemba chegando à Avenida Tiradentes junto com o metrô para poder – como a Vanda disse em sua primeira proposta – aumentar a área verde na cidade

de São Paulo. Esse é um dos primeiros impactos que vamos sofrer com o desenvolvimento. Sabemos que agora é a bola da vez. A Mooca talvez não tenha mais condições de edificação porque a outorga onerosa local perdeu o valor. Mas fazendo parte da Subprefeitura da Mooca, que atinge parte do Tatuapé, o Tatuapé tem aproximadamente 200 mil metros quadrados de outorga onerosa. Para quem não sabe outorga onerosa é a compra de potencial construtivo, que a Prefeitura pode vender às construtoras para uma edificação a mais no terreno. A Vila Prudente tem algo em torno de 60 mil metros, mas quando falamos Subprefeitura Mooca, o pessoal acha que é só Mooca, mas pega parte do Brás, Tatuapé, Belenzinho, Água Rasa, é mais abrangente. Temos que entender que a discussão do Orçamento não é só para o bairro da Mooca. Vamos pensar que é quase que o portal Leste da cidade, se assim podemos chamar, é do começo da Radial Leste até os fins do Sapopemba, e a divisa com o Jardim Anália Franco.

Vamos tentar então não nos reportar individualmente porque qualquer transtorno que tenhamos, temos de trabalhar a cidade de São Paulo. É o Orçamento da cidade de São Paulo e não dá mais para a cidade caminhar sozinha, tem de caminhar juntamente com os municípios limítrofes. Fica inviável trabalhar, e vou dar um exemplo pessoal porque moro na Mooca, mas trabalho na Vila Prudente, sou vizinho de duas cidades, Santo André e São Caetano, estou no limite. Há uma divisa com a Costa Barros. Temos então de trabalhar em conjunto - viu Vereador?- porque na Costa Barros tem uma população de dez mil moradores em um condomínio residencial, mas passando uma pontezinha já é Santo André e passando outra é São Caetano. Se não tomarmos cuidado e esse município também coloque em seu orçamento, se não soubermos conversar com eles, de repente temos um bairro residencial muito adensado e, de repente, Santo André consegue colocar do nosso lado o Maria do Céu. Temos de começar a pensar no Orçamento da cidade de São Paulo bairro a bairro, região por região, mas principalmente na nossa periferia.

- Interrupção da gravação.

O SR. JÚLIO CÉSAR OLIVIERI - ... trabalhar no nosso Orçamento e não só ficar com o ônus. Temos até o exemplo do HC porque nele dificilmente se vê ambulância da cidade de São Paulo, vemos do Estado inteiro. Estão em nosso município gerando tráfego, gerando despesas para o nosso Município. Nada contra, é um hospital estadual, tem que atender as outras cidades, mas o ônus da manutenção do entorno, a limpeza, os estacionamentos, os semáforos ficam para a cidade de São Paulo. A cidade de São Paulo, hoje, abraça a todos, é uma mãezona, abraça todo mundo, acolhe, mas eu acho que o orçamento da cidade de São Paulo tem de ser sim pensado para a cidade de São Paulo, mas também cobrado e muito dos nossos municípios vizinhos. Queira ou não queira muitos deles ocasionam problemas para a cidade de São Paulo.

Acho que tudo isso tem de ser pensado e digerido no Orçamento da cidade, e tem que ser uma forma que possamos pensar. Ninguém mais do nós sabe que ninguém consegue viver sozinho. Lembremos-nos de Steve Jobs que criou um monte de coisas inúteis, mas hoje ninguém vive sem. São todos os programas de computador, etc. Temos de pensar que vivemos hoje coletivamente.

Como aqui represento essa coletividade, podemos falar entre as duas subprefeituras que é algo em torno de um milhão de habitantes, perto de 800 mil habitantes, temos então essa representatividade. Isso seria muito interessante.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Obrigado pelas contribuições do Diretor Superintendente da Associação Comercial, Júlio César Olivieri.

Aproveito para registrar a presença de Rita de Cássia Gama, assessor parlamentar do Vereador Adilson Amadeu.

Está inscrito para falar Celso Bianchi Barroso que é Presidente do Conselho Comunitário da Saúde da Mooca.

O SR. CELSO BIANCHI BARROSO – Fiz algumas anotações rápidas no macro de

despesas orçamentárias pelo órgão, eu vou me ater a dois tópicos. Dois me chamaram a atenção, autarquia hospitalar municipal – estamos envolvidos por um hospital que deve estar nesse meio; Secretaria Municipal de Saúde, Fundo Municipal de Saúde também, pois vi algumas discrepâncias.

O que me chamou a atenção na fala do Júlio é que nós vivemos um fenômeno da conurbação, temos o nosso município, estamos junto de outros grandes municípios, cidades, e os problemas deles trazem para cá. E nós ficamos com todas as despesas e com todos os problemas originários de municípios limítrofes. Como ele falou, o fenômeno conurbação é mundial, só que nós não tratamos e agora a coisa se agravou de tal maneira que é quase impossível de administrar.

Chamo a atenção para o código 1170, está linear em todas as subprefeituras: intervenção, urbanização e melhoria de bairros. Todas as subprefeituras e não desprezando nenhuma, há um mesmo valor, cem mil. Cada subprefeitura eu acho que tem característica própria, inclusive o deslocamento das pessoas para o centro de São Paulo.

Há um projeto antigo – acho que até está arquivado – para se fixar os polos industriais nos subdistritos; criar polos de atividades econômicas próximos às residências das pessoas, evitando todo esse tráfego, que já não temos mais condições de assumir.

Estamos assumindo algumas coisas dentro do Orçamento, tratando São Paulo como Município, esquecendo a conurbação. Temos de conversar com os outros municípios sobre esse caso. Concorro com o Sr. Júlio. Essa conversa deveria envolver prefeitos, câmaras municipais, para que todos os problemas originários de lá que venham aqui tenham um ressarcimento. Porque é muito difícil mandarmos alguns problemas daqui para lá. Ao contrário, vem sempre de lá para cá. É uma migração.

Chamo a atenção para esse problema e também para a área de saúde. Outro dia, socorri uma pessoa no Inácio Proença e pude ver o grande problema da saúde. Não é problema do Dr. João Prata, que, aliás, é uma excelente pessoa, que tem lutado com uma

dificuldade extrema de mão de obra.

Quando cheguei lá, havia AMA de um lado e o pronto-socorro de outro. A pessoa que estava comigo estava enfartando e não havia ninguém para me auxiliar a tirá-la do carro. Chamei a atenção de um PM para registrar minha chegada. O Sr. Prata não estava lá na hora, e outro médico do AMA me disse: “Você me desculpe, mas temos dois médicos aqui hoje somente”. Somente dois médicos para atender mais gente do que esse auditório aqui hoje. E no pronto-socorro também só havia um médico no centro cirúrgico e outro no pronto-socorro atendendo todas as chegadas ali.

E o hospital Inácio Proença é um catalisador de tudo o que acontece na região. Quando a polícia e o corpo de bombeiros socorre alguém, vai para lá. E de lá se faz a distribuição. Por isso, teríamos de olhar com muito mais carinho sobre o Inácio Proença, que é referência de atendimento.

O Hospital do Pari, por exemplo, está numa região onde, para se socorrer alguém, tem de mandar para a zona Norte ou vem para cá.

Por isso, insisto no fenômeno de conurbação, porque se trabalharmos com o Orçamento assim, ele tem de ser realocado de forma a atender todas as demandas dos outros que chegam a nós. Nós ficamos com os problemas, com as despesas, evidentemente. O condomínio fica pagando do visitante, que vai embora, larga o problema com o condomínio, e aí o problema é de vocês.

Também me chamou a atenção desse linear: intervenção, urbanização e melhoria de bairros, que é só um valor para todas as Subprefeituras.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Agradeço a contribuição do Professor Celso Barroso.

Tem a palavra o Sr. Pedro (ininteligível), da Associação dos Moradores da Mooca.

O SR. PEDRO – Sr. Vereador, o senhor que é originário da CET sabe das

dificuldades da Mooca, em particular o nosso sistema viário. Tenho 60 anos, e a última intervenção que fizeram na Mooca foi nos anos 60, com a construção da Radial Leste, que era um projeto de 1942.

Para ir da Mooca até a Vila Prudente, hoje, em condições normais, leva 20 minutos. Há um semáforo em cada esquina. Quem mora na Mooca ou Vila Prudente não vem mais pela Av. Paes de Barros, corta caminho pela Borges de Figueiredo. E esta rua, à tarde, é um mar de luz branca, porém, vai encontrar uma grande dificuldade: a entrada da Rua Piratininga na Rua da Mooca, onde três pistas se transformam em uma.

Na construção do Viaduto Professor Alberto Mesquita, o projeto original era de desapropriação de 44 metros entre a Rua Borges Figueiredo e a Rua Piratininga. Foram desapropriados os terrenos entre as ruas Borges Figueiredo e a Conselheiro João Alfredo.

No trecho da rua Conselheiro João Alfredo até a Rua Piratininga, não foram desapropriados terrenos. E assim ocorrem invasões a esses terrenos com grande facilidade, porque o sujeito tem facilidade de cometer um delito. Ele entra na Rua São Genaro para acesso à Rua da Mooca. Fácil, porque existe interligação.

Uma das minhas reivindicações é que o Poder Público faça valer a lei de desapropriação entre a Rua Borges Figueiredo e a Rua Piratininga, algo bastante simples que já deveriam ter feito.

Não vou perder a oportunidade de fazer alguns comentários sobre a Mooca. O jornalista que escreveu isso aqui não conhece a Mooca, com certeza. Mande um *e-mail* para ele dizendo: tira uma foto daquele armazém que estava para alugar. E ele respondeu: na verdade, não existe espaço vazio na Rua Borges Figueiredo.

De onde ele tirou essa quantidade de habitante por metro quadrado. Acho que ele não consultou. Imagina-se que o ideal sejam 12 metros quadrados por habitante. A Mooca tem três por metro quadrado.

Temos outros problemas na Mooca, onde todo o sistema de captação de águas

pluviais é dos anos 40. Na rua Visconde de Parnaíba, é sistema de assoreamento. O mesmo problema ocorre na Borges de Figueiredo. No ano passado, entrou água no Moinho Eventos. A Subprefeitura da Mooca fez uma intervenção na Rua Guaratinguetá e proximidades, com a limpeza das galerias.

Tendo em vista o número de moradores que estão chegando ao bairro da Mooca com os novos empreendimentos, se não fizer a limpeza das galerias, vai alagar tudo, porque esse pessoal dividirá o mesmo espaço de esgoto que se dividia anos atrás.

Como o Poder Público sempre faz, inoperante e incompetente, ele não previu a chegada desses novos moradores. Ele dá outorga onerosa, mas ele esquece de que o sistema viário é o mesmo, as calçadas são as mesmas. A mídia está divulgando sobre as calçadas. Muito pouco foi feito na Mooca.

No bairro da Mooca, 60% dos moradores têm mais de 60 anos. E se uma pessoa quebrar o fêmur com 60 anos, não volta a andar. Isso exige um custo elevadíssimo: a retirada da pessoa do local do acidente, o SAMU, hospital, etc. E tenho a sensação de que essa questão das calçadas não vai dar em nada, porque falta algo muito simples: fiscalização.

Enquanto não houver agente vistor, ou nome qualquer que se dê a ele, preocupado com outros assuntos, ele não vai se preocupar com uma calçada.

Ele vai se preocupar com outras coisas. Enquanto não mudar esse esquema da fiscalização, terceirizando, ou seja, lá o que for feito, colocando a Polícia Militar, - ridículo colocar a polícia militar tomando conta de calçada ou de camelô. Enfim, tem de ter um mecanismo e não adianta isso, porque a delação do 156. Eu não vou delatar. Porque ele sabe que é o Pedro que vai lá. Agora vou aproveitar mais uma nobre Vereador. Existe um sistema chamado "SAC". Chama lá, conta sua historinha e aí tem a possibilidade de ser anônimo. Claro que desfruto do anônimo. Mas existe um item lá que diz que assunto de reclamações tem de ser feitos na praça da subprefeitura. Então, eu com carinho de bobo que tenho, vou lá anônimo: Pedro está reivindicando que a calçada do meu vizinho está irregular. Que meu

vizinho está construindo, sem os arquitetos, tenho uma filha arquiteta como o senhor tem, precisa do emprego esse pessoal, e aí como a gente faz? O sistema de fiscalização existente dos anos 30, não vamos sair do chão. Precisamos mudar muito. Começar por nós. Que reivindicamos. Hoje aqui têm 40 pessoas, 30 pessoas... Somos 170 mil eleitores na região da Mooca. Só para dar um número. Tem 40 pessoas e depois o pessoal fica reivindicando e diz que ninguém faz nada. Não. Não é assim. Não é comigo. Venha dar a cara para bater. Olha vou aparecer na TV Câmara. Reclamem. Reivindiquem. Não sejam chatos. Porque chato é aquele cara que reivindique aquilo que os outros não faz. Agradeço mais uma vez ao senhor em particular e aos demais que se propuseram a sair de casa de manhã para ficar conversando que não é muito sério, é o nosso dinheiro. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – É a questão da participação colocada pelo Pedro, na Cidade de São Paulo, é difícil. Pessoas pouco participam. Tenho um sistema em meu gabinete, que consulto os moradores dos bairros onde faço o trabalho político. A Concheta, aqui ao meu lado, é uma das pessoas que trabalha em meu gabinete, faz isso. Então por dia, ela conversa, no mínimo com 50 pessoas na Mooca onde a pergunta básica é: tem algum problema na sua rua, no seu bairro para solucionar? Todos os dias ela faz isso. A Aninha também faz aqui na Mooca, no Pari, no Canindé e as pessoas pouco reivindicam. E aí tem as reclamações. Precisamos mexer nesse mecanismo de sugestões, reivindicações, participação, para que as pessoas se sintam dentro desse contexto. São 38 bilhões de reais. Quarenta pessoas para vir discutir.

Tem a palavra o Sr. Julinho.

O SR. JULINHO – Apenas para me desculpar com vocês, porque tinha um compromisso já agendado, já me ligaram, me cobrando que tenho de ir a esse outro compromisso. Quero agradecer a presença de todos, principalmente no nobre Vereador Ricardo Teixeira, da Câmara Municipal de São Paulo, que está abrindo esse espaço e quero deixar para vocês que a associação comercial está de portas abertas a todos. Todas essas

reivindicações de vocês podem ser encaminhadas para nossa distrital. Temos como encaminhar aos Secretários direto, aos Vereadores, para podermos fazer essa cobrança. Peço desculpas a vocês que vou ter de deixá-los mas deixo um grande abraço ao nobre Ricardo Presidente da sessão. A Associação estará sempre de portas abertas. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Com a palavra a Sra. Conceição Concheta.

A SRA. CONCEIÇÃO CONCHETA – Bom dia. Uma coisa que me pedem muito e é visível para os moradores perto da Rua Bresser, Itajai, que seja feita uma passarela que vá até a subprefeitura porque tanto os idosos como as crianças na hora que vão ser recolhidas nas creches ou às vezes até o pessoal da creche atravessam é um perigo realmente, isso quando o farol de pedestre está funcionando. Então, as pessoas pedem muito isso e estou sugerindo uma passarela que vai da Rua Benta Dias até a Subprefeitura, porque lá têm a 4E, as escolas, a faculdade. Então estamos precisando disso urgente.

Outro grande problema é que quando chove enche as galerias. Justamente no pé do Viaduto Bresser há enchentes. Se carro não passa imaginem pedestre.

Outra coisa que peço aqui na Mooca é que seja feita uma pista de skate para os adolescentes, porque eles descem a Av. Paes de Barros, a Rua do Oratório, o estacionamento do Extra. Eles estão na rua largados e acho que nós, moradores, poderíamos organizar eventos para estimulá-los na parte de esportes organizando, arrumando parceiros para realizar campeonatos, pois é um esporte bacana e tira os adolescentes da rua. Pelo lado esportivo oferecemos educação, fazendo-os seguir certos comportamentos e regras, sem agredir ninguém. Até no posto de gasolina da Rua Madre de Deus com a Rua Visconde de Inhomirim a polícia vem e manda-os sair. Estou dizendo isso porque os amigos do meu filho andam de skate. Então, a pista de skate é algo que eu queria muito.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Tem a palavra o Sr. Vagner Wilson.

O SR. VAGNER WILSON – Bom dia. O registro que faço é sobre a Feirinha da Madrugada que já perpetua há mais de sete anos no Brás e está afetando as ruas do Pari. As ruas não comportam 7.000 ambulantes durante o dia de semana. É uma estrutura de hospital e não temos como atender tantos turistas compradores. Os lojistas pagam impostos só que a calçada está valendo muito mais à noite para a Feirinha da Madrugada do que para aquele que paga imposto. Então, está havendo uma concorrência desleal.

Queria também fazer um registro quanto à parte do lixo. O lixo fica acumulado 24 horas no meio da semana. Vindo para cá hoje passei pela Rua Bresser. Não tinha loja aberta e lixo têxtil na rua, mas na Av. Celso Garcia havia pessoas das igrejas sujando as ruas comendo melancia na rua, etc. O lixo fica acumulado 24 horas mesmo nos finais de semana.

Então, esse orçamento como o Celso falou sendo igual para todos os bairros é meio estranho, porque o Pari é um bairro pequeno e parece que absorve todos os problemas de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Tem a palavra a Sra. Roseli Rezende.

A SRA. ROSELI REZENDE – Bom dia a todos. Agradeço o convite que uma senhora fez ao ligar em casa. No começo fui até malcriada com ela, porque disse: “Político! Puxa vida, de novo? Nós não estamos em época de eleição, não é?” Ela respondeu: “Não. É para você fazer alguma colocação sobre o que está acontecendo.”

O que está acontecendo na Vila Zelina é o que está acontecendo em qualquer lugar da cidade e do país. Na verdade, há uma má redistribuição de renda e quem acaba sofrendo são as crianças que crescem em um mundo injusto, com uma vida muito insalubre, nada ecologicamente correta. Ecologia não é só não cortar a árvore e não matar as formiguinhas, mas é cuidar do ser humano como parte deste planeta.

Só vim aqui porque também entrei nas estatísticas, enquanto não entramos nas estatísticas, ficamos deitados no nosso berço esplêndido. Eu vinha do trabalho, os meninos chegaram armados, entraram comigo em casa, fizeram-me refém, a polícia veio. Depois saiu

na Gazeta da Vila Prudente. Nós ficamos expostos e queremos preservar as nossas filhas que também ficam expostas, assim como nossos companheiros, maridos, mães velhinhas que com qualquer solavanco não voltam mais a funcionar direito.

É aí? É exigir Polícia Militar? É mandar prender os meninos? É desejar que eles morram? Porque quando nasceram eram filhos como são os nossos. Não sou boazinha, mas estou muito assustada e com muito medo. Porque enquanto os fatos acontecem na Globo, na Bandeirantes, na TV News, ficamos sossegados, mas quando começa acontecer conosco ...

O que aconteceu comigo não foi a primeira vez. Já levaram meu carro na porta de casa e minha filha já levou tiro. Na mesma região daquele senhor que acabou de sair falou que é aí que precisamos nos amalgamar. Vamos pedir mais polícia? Mais viatura? Sei que precisamos. Mas precisamos de tanta coisa.

Mas vamos usar o orçamento do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, que a proposta é de 119 milhões – é isso mesmo? Não sei bem ler esses números grandes, porque meu salário não passa de um dígito.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. ROSELI REZENDE - Então, pessoal, eu penso assim, quando foi lançada a Fundação CASA, no Instituto de Psiquiatria da USP, fiquei babando. A ideia era boa, sim. Mas como aplicar se não há mão de obra qualificada?

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. ROSELI REZENDE - Esse dinheiro vai ser aplicado só na Fundação CASA? Porque precisa de muito dinheiro para manter todas aquelas viaturas que levam os meninos na Vara da Infância, onde são julgados. Precisa de motorista, de segurança e tudo isso demanda muita verba.

O SR._____ - Há também o Conselho Tutelar que faz a prevenção. É outro item grande.

A SRA. ROSELI REZENDE - Então, Conselho Tutelar, creio que aí que temos de

chegar. É lógico que os que cometeram infração, são menores e vão completar 18 anos, e os que são maiores e estão fora dessa faixa etária, precisam ser julgados pelas suas atitudes.

Sabemos, também, que muitos que moram em áreas de perigo, mas têm família que bem ou mal sabe o que é certo e o errado, e vai incutindo na cabeça daquela criança. Temos de nos conformar. Também nasci na Vila Zelina e tinha de atravessar um córrego para ir à missa. Mas sabia que tinha de ter cuidado, que meu limite era aquele.

Hoje, as pessoas não têm limites, as crianças não têm. Agora, certo e errado vai da cabeça de cada família. Essa mania de que pode tudo e a responsabilidade é do Estado, não é correta. Mas também temos de nos organizar politicamente. Temos representantes, serviços e pagamos por isso. O Pedro falou que está aqui pelo dinheiro com o qual ele paga os seus impostos.

O que posso fazer com o dinheiro que vai entrar e prevenção? Prevenção é fazer a escola funcionar. Prevenção é fazer a Saúde funcionar. Prevenção é ter lazer. Prevenção é usar os espaços vazios, porque é como cabeça vazia, não funciona direito, só entra porcaria.

Então prevenção é fazer o sistema funcionar direito. Prevenção é ajudar o Conselho Tutelar, a comunidade trabalhar com o Conselho Tutelar. Temos bons profissionais que estão presentes aqui. Então prevenção não é montar um projeto novo, mas fazer funcionar bem o que tem de funcionar. Prevenção é não deixar a coisa caminhar para o lado dos interesses pessoais. Prevenção é ética. É Segurança. Segurança é o bom funcionamento das coisas.

Não adianta querermos criar coisas novas. Temos de fazer funcionar o que já temos. Há coisas que precisam ser restauradas, outras não podem ser dilapidadas do patrimônio histórico cultural da Cidade. Prevenção é não sair da realidade. Por isso, vamos ter de sentar e me coloco à disposição. Vamos rever juntos. Sou da área de Saúde, então vamos aproveitar para trabalhar o almoço de domingo, aquele macarrão que está nos esperando. Prevenção não é só comer aquele montão no domingo, dormir e assistir o Faustão. Podemos

fazer outras coisas, comer uma salada antes, um pouquinho de macarrão, um pouquinho de carne. Um pouquinho, não precisa ser muito e vamos começar melhor no dia seguinte.

Prevenção é cuidar de mim, cuidar da minha casa, do meu lixo. Estou aqui fazendo a prevenção da minha vida social, do meu espaço social. Se as pessoas que moram naqueles lugares em que há menos recursos, porque é de lá que saem os meninos, mas na minha rua também há meninos, que hoje não são mais meninos, são homens e estão à margem da vida, porque a gente também acaba colocando-os à margem da vida.

Então desculpem se falei demais, mas acho que precisamos trabalhar encima do que temos. Bom domingo a todos.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Obrigado, Sra. Roseli Rezende, pelas contribuições.

Lembro que o detalhamento de caso a caso, dessa família que foi encontrada, está no site da Prefeitura, Secretaria Municipal de Planejamento, e também no site da Câmara Municipal. E ainda teremos outras audiências públicas para que sejam feitas todas as reivindicações.

Registro e agradeço a presença do Paulo Vicari e da Jornalista Beth Florido, da Subprefeitura de Vila Prudente.

Tem a palavra o Sr. Pedro.

O SR. PEDRO - Exerço uma outra função. Sou juiz de casamento há 25 anos. Então, convivo, toda a semana, com pessoas que estão dando continuidade às famílias. Estava dando uma olhada e minha proposta parece ser singela, mas seria algo simples: ninguém fala na família. Falou-se sobre tudo. Mas o básico, e parece algo tão simples, – e sou Economista e não Sociólogo – é a família. Não existe nada que me diga que o sistema aloque recursos para dar importância à família, porque ela é a origem de tudo.

Costumamos, muitas vezes, por exemplo, dizer que o menino não teve acesso à

instrução – mentira, porque tem escola; não teve acesso à cultura – não é verdade porque há muitos teatros gratuitos. Enfim, ele não teve acesso a algo básico: à família. Embaixo de um poste mal iluminado, em 30 segundos, está resolvido o problema. Como dar continuidade a isso?

Volto a dizer que não sou técnico, mas sinto isso. Todo final de semana a mídia nos dá informações de que um sujeito, andando com um carro de cem mil reais, faz e desfaz. Não me venham falar que o sujeito não teve acesso à educação, instrução e informação. Ele teve, sim, acesso a tudo isso aqui. Ele não teve acesso à família.

Então, Sr. Vereador, não sei de que maneira propor, mas de forma bastante singela digo que deve ser criado algo, dentro do sistema público, que permita que as famílias e as pessoas que desejam formar uma família saibam da importância de gerar um filho e as dificuldades. Enfim, a proposta é em função do que vejo.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Ele me lembrou algo. Ontem estávamos em uma palestra e estávamos fazendo uma comparação com religião, porque família também lembra. Passamos o tempo inteiro rezando para o pai do céu, mas nos esquecemos de plantar uma árvore para cuidarmos de nossa terra. Se cada um dos brasileiros, dos paulistanos plantasse uma árvore por ano, dez milhões de árvores todos os anos estariam sendo plantadas na Cidade e não reclamaríamos de tanta poluição. Falta consciência. Essa questão da família é importante.

Vi uma notícia, que todos acompanharam: uma criança, com menos de três anos de idade, morreu espancada por seu pai! O pai deu socos na criança até matá-la.

Custamos a acreditar que muitos fatos são verdadeiros. Então, falta essa questão da família.

Passarei para as considerações finais da Mesa.

Passo a presidência dos trabalhos ao Sr. Antonio Matias.

- Assume a presidência o Sr. Antonio Matias.

O SR. PRESIDENTE (Antonio Matias) – Chamo a atenção para o fato de que há uma proposta para 2012. Não necessariamente isso será realizado, ou seja, a arrecadação tributária, porque temos a inadimplência. Isso é mais uma problemática dentro do Orçamento, porque estamos discutindo, realocando emendas. Já vi isso várias vezes - olhamos e falamos: “Temos tanto para isso”, mas aquele tanto não se realizou. Existe um delta, uma variável entre a arrecadação efetiva e aquilo que está no papel. E, aí, se começa a realocar: tira-se de uma Secretaria e passa-se para outra. Deveríamos estar atentos exatamente para realocação e emendas.

Então, há um realinhamento de toda a população, não só da Mooca. Agora, algo que notamos – e isso já notei nas áreas mais periféricas – é o seguinte: quando se trata de problemas pontuais da área, eles se unem em associações e nós nos isolamos em nossas casas. Por quatro vezes tive problema de segurança. Em um deles, inclusive, era Juiz Classista e fui rendido em minha casa. Mas o problema não se trata só da segurança.

Então, chamo a atenção para o fato de que o que está no papel não necessariamente entrará nos cofres da Municipalidade. Há uma inadimplência alta, porque é uma questão educacional do povo: “Não. Deixa para lá porque, depois, espero por uma anistia”. Escuto isso com frequência. Acho que deveria ser um pouquinho mais rígido na cobrança do IPTU. Deveria mexer na legislação, inclusive, do IPTU, ainda que de forma constitucional, mas deveria se rever isso aí. A Municipalidade deveria fazer um aperto, de maneira que pudéssemos cobrar efetivamente aqueles que não pagam seus impostos, mas que exigem os serviços da Municipalidade.

Na última viagem que fiz aos Estados Unidos, ia receber dez centavos de troco, mas a caixa não tinha os dez centavos de dólares. Mas ela tinha dez moedas de um centavo de dólar. A cultura brasileira seria deixar esses dez centavos. Não. Ela me entregou 10 moedas de um centavo. Ou seja, é cultural. Não estou defendendo os Estados Unidos, mas, além do

aspecto cultural, educacional e familiar, temos de mexer e de pensar que estamos discutindo e pondo no papel coisas que, muitas vezes, não são realizadas. Estou chamando a atenção para isso porque, depois, vão cobrar do Vereador ou do Prefeito, sendo que nós demos origem aos problemas, quando não contribuimos para solucioná-los, mas exigimos solução.

Então: “Devo. Não nego. Pago quando puder” ou faço um acordo com vocês depois ou, ainda, venham me cobrar. Daí decorre a execução fiscal, etc. e a Municipalidade é cobrada pelos serviços.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – A Sra. Conceição se esqueceu de falar algo importante.

A SRA. CONCEIÇÃO – As pessoas têm pedido para mim – é importante - e estão correndo abaixo-assinados sobre isso: uma ciclofaixa na Mooca, porque tem ocorrido atropelamentos tanto dos pedestres quanto dos ciclistas. Então, é importante que haja a ciclofaixa, pelo menos, aos domingos, talvez na Paes de Barros, das 6 às 15 horas.

(NÃO IDENTIFICADO) - A Conceição registrou a importância da ciclofaixa.

Vindo para cá pela manhã, notei que a faixa exclusiva de ônibus da Paes de Barros estava cheia de gente, andando, correndo, de bicicleta. É perigoso, porque não há proteção, como naquela feita pela Prefeitura que liga ao Parque do Ibirapuera, que, hoje, é um sucesso: quase 100 mil pessoas já a utilizaram, pedalando, de skate, a pé, no entorno dessa ciclofaixa. Então, é uma reivindicação nossa, dos moradores lindeiros da Paes de Barros.

O SR. PEDRO – Tenho ouvido pessoas reclamando sobre a frequência com que passam os ônibus. Hoje, os números são grandes. Segundo os números recentes, que tenho em mente, são 4,2 milhões de pessoas utilizam o metrô; 2,5 milhões de pessoas utilizam o sistema ferroviário da CPTM. Ora, para alimentar metrô e CPTM é preciso dos ônibus.

Acontece que em algumas linhas, chamadas não rentáveis, só têm um ônibus pela manhã e outro à tarde. Portanto, as pessoas têm muita dificuldade de locomoção,

principalmente, o pessoal da Vila Diva, Santa Clara, que não contam com muitos ônibus.

Aproveitando a oportunidade, quero dizer que nosso sistema viário tem muito a ver com a Mooca e com o Pari – coitado do Pari. Sair da Mooca para chegar à Avenida Tiradentes, devido à falta de um corredor exclusivo na Silva Teles e na João Teodoro, leva 40 minutos. Então, imaginem uma pessoa pela manhã ou à tarde, durante 40 ou 50 minutos dentro de um ônibus super confortável, com ar condicionado, com poltrona reclinável...

Não sabemos reivindicar: falamos, comentamos na esquina ou, como no passado, discutimos nos botecos, mas não passa do falar. Passar à ação não é muito comum para nós, porque não temos esse hábito da reivindicação.

Tenho sangue latino, descendente de italiano, e aprendi em casa a respeitar e a ser respeitado. Parece-me que nós gostamos muito dos nossos direitos e pouco das obrigações. Uma das obrigações é saber quem é o seu Vereador, o seu Subprefeito ou o que eles estão fazendo. A função deles é pública e, no mundo todo, isso é um fardo. Mas parece que, aqui, as pessoas não a entendem como fardo.

Uma vez a cada quatro anos, as pessoas têm a possibilidade de fazer mudanças, mas não as faz porque não têm informação.

Portanto, a minha reivindicação quanto ao sistema de transporte público é mais ônibus, de cujas empresas – algumas delas, não se pode generalizar – até por dificuldade da locomoção, estão deixando a desejar na nossa região.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Obrigado pela contribuição, Sr. Pedro.

Na sequência, tem a palavra o Sr. Antônio Augusto, do Conseg Brás, Mooca, Belenzinho.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO - Bom dia a todos. Em primeiro lugar, quero agradecer a vocês por estarem aqui, deixaram o recesso de seus lares e a sua manhã de domingo para vir aqui dando suas opiniões e ouvindo outras.

Gostaria de falar ao nobre Vereador, porque ele citou o caso do pai que assassinou o filho. Muito bem. Vejam que aí havia droga no meio, porque o pai estava completamente drogado.

Creio que seria interessante o Estado dar mais verba para o combate ao tráfico, neste orçamento que estamos fazendo. Se combatermos as drogas, muitos dos problemas aqui citados e dos problemas gerados não só na nossa região, nosso Estado e em todo o Brasil, seriam bem menores.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Obrigado pela contribuição.

A Sra. Beth Florido também quer fazer a sua contribuição, por gentileza.

A SRA. ELIZABETH FLORIDO – Bom dia a todos. Meu nome é Elizabeth Florido, como o Vereador Ricardo falou. Sou moradora da região. Quem me conhece já sabe as reivindicações que deixarei registradas aqui.

Acredito ser mais do que necessária a revisão do Plano Diretor Estratégico da nossa região, porque nós, moradores, que vivemos o cotidiano, já estamos sofrendo muito com o aumento do trânsito, devido ao aumento populacional, o grande número de prédios que estão sendo edificadas, trazem-nos esse tipo de desconforto. O que eles chamam de qualidade de vida, a meu ver, não é.

Há, também, a proliferação de bares, grandes perturbadores em áreas residenciais. Testemunhamos direto esse tipo de coisa e acredito que seja matéria constante nos Consegs.

Tem ocorrido a destruição do nosso patrimônio arquitetônico, cultural, histórico, artístico e imaterial até – o sossego, a tranquilidade, as casinhas de planta baixas. Não se trata de ser excessivamente romântico, mas por que mudar tanto o recorte da região, sendo que é isso que vendem nos folhetos publicitários. Não sou contra empreendimento imobiliário, mas ele só é bom para quem empreende a construção, o prédio. Para mim, piora a qualidade de vida. É nesse sentido que falo.

Precisamos de estímulo para criação de áreas verdes, das quais somos carentes e temos um déficit absurdo. Como, por exemplo, Parque Verde, até hoje, não sabemos em que pé está. Sabemos que a Cetesb já fez todas as exigências, mas não tenho acompanhado. Sou sincera em dizer: até cobre isso do Zadra, que foi o pioneiro dessa história, e muitos outros que a abraçaram no meio do caminho, inclusive, o Ricardo.

O tombamento da área toda da Antártica e a criação de um Museu da Cerveja, Sesc, Hotel, Fatec – isso foi prometido pelo Serra -, fazendo desse local de manifestação artística e cultural um verdadeiro resort.

Não é delírio, mas eles têm procurado - inclusive o pessoal da área de cinema – grandes galpões para se instalarem. Agências de publicidade, por que não trazerem de volta os empregos limpos? Hoje em dia temos tantos visos e é difícil ter essa problemática. É uma indústria não poluente, é a indústria das ideias que oferece serviços. Estamos carentes disso. Estamos trazendo tanta gente para cá de uma forma desordenada. Não importa o status socioeconômico, se são mais desassistidos ou mais endinheirados, mas, na horizontalidade, não estamos tendo essa preocupação, pelo menos, não estou vendo.

Sou uma das pessoas que caminha pela Av. Paes de Barros e poderíamos transformá-la em área de lazer com sinalizações adequadas para as pessoas que caminham, para corredores e ciclistas.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Agradeço a Sra. Elizabeth Florido pela suas contribuições à peça orçamentária do PL 479/11. Ela foi a última inscrita.

Passemos as considerações finais.

Tem a palavra o Sr. Mathias, da Subprefeitura da Mooca.

O SR. ANTONIO MATHIAS ZELIK – Agradeço a todos os presentes por terem comparecido nesta reunião em um domingo de manhã. Conheço o nobre Vereador Ricardo Teixeira e tenho certeza de que o que for pertinente, S.Exa. levará, encaminhará e lutará pela

melhoria de nossa área.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Tem a palavra a Sra. Wanda para as considerações finais.

A SRA. WANDA HERRERO – Foi importante estarmos aqui. Eu vim e larguei um monte de coisas em casa para estar presente neste evento.

Elizabeth, já nos conhecemos há algum tempo, conheço seu potencial.

Foi importante falarmos hoje sobre enchentes e outros problemas, principalmente, da Creche Marina Crespi que é um dom importante.

Há teses na USP que falam que a Antártica poderia ser a Subprefeitura da Mooca porque o local seria movimentado. Já existe a Estação Mooca, então, poderia ser feito também um *boulevard* ali, ou seja, há vários apêços que poderiam ser acrescentados àquela área com bastante relevância e carinho.

Todo mundo fala que da porta para dentro, tudo bem; da porta para fora...Não, está errado. A rua é o nosso quintal. Não podemos pensar em outra coisa a não ser nesse quintal maravilhoso. A calçada é a extensão da nossa residência. Então, é nossa responsabilidade.

Estamos todos aqui em família. Temos a responsabilidade do Vereador que é nosso representante, os senhores que estão aqui representados, mas estamos em família. Muita gente aqui nasceu na Mooca. Eu nasci na Av. Paes de Barros, na antiga Maternidade Santa Teresinha. Então, estamos em família, sendo assim, nada mais justo do que estarmos discutindo os problemas da nossa casa.

Peço aos assessores do Vereador Ricardo Teixeira, meninos batalhadores, o Luis é uma excelente pessoa, correta, precisa. Na Praça Ciro Pontes, hoje, tem uma quantidade imensa de lixo no número 50. No símbolo da Mooca, na Av. Paes de Barros com a Rua Taquari, tem uma montanha de lixo que nunca vi nada igual. É incrível pedir isso, mas temos. Seria ideal se tivéssemos gerentes de ruas, cada um responsável pelo seu bueiro, copinho,

isopor. Eu faço isso.

As pessoas, às vezes, me dizem que me viram varrer não sei onde e pensam que estou ficando maluca. Será que não sabe fazer tricô, coxinha? Não, eu estava varrendo lá, recolhendo telhas. Vou fazer o quê? Acho que cada um de nós tem de ser nossos catadores, infelizmente.

Estou bastante contente de estar aqui. Vamos continuar e tornar a rua o nosso belo quintal. Fazer limpeza, conversar com o catador, com o morador de rua, ver o que está acontecendo. Morador de rua não é nosso problema. O Estado tem de resolver. Ele tem direito de ir e vir, mas não tem o direito de ficar. Não existe em nenhum direito que ele pode ficar. É o Estado que tem de dar assessoria, ver emprego, assistência social e uma série de coisas.

Agradeço muito e bom dia.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Obrigado Wanda, do Conseg Brás / Mooca / Belenzinho, que no próximo dia 07/11, na Universidade São Judas, às 20h, teremos mais uma reunião do Conseg. É importante a presença de todos lá também.

Tem a palavra, para as considerações finais, o representante do Líder do Governo na Câmara Municipal de São Paulo, Sr. Benedito Pereira – Benê.

O SR. BENEDITO PEREIRA – Estive nesses dias na zona Sul e havia um pouco mais de 400 pessoas e cinco ou seis Vereadores. No dia 22 fui a São Miguel e havia pouco mais de 300 pessoas e dois Vereadores. Não vejo diferença nenhuma naquela quantidade de gente e Vereadores para hoje, ou seja, pouco mais de 60 pessoas e um Vereador. Pessoas qualificadas com reivindicações justas e um Vereador sério.

Sou contador do Município e acompanho o Orçamento há pouco mais de 25 anos. Sou da época de quando começou o Orçamento Participativo, meia dúzia de munícipes, geralmente de bandeira vermelha. Hoje da audiência pública participa todo mundo, de esquerda, direita, centro, o jovem, o idoso, ou seja, reivindicações sérias. A audiência pública veio para ficar.

Pedimos a vocês que venham aqui, mas a Câmara também está aberta. Ou seja, o que estamos discutindo aqui é o Orçamento da Mooca, só que na Câmara vai ter a Educação, Saúde, CET. É muito importante participar lá e reivindicar lá. É claro que o Vereador Ricardo Teixeira levará as reivindicações de vocês.

Agradeço de coração ao Vereador pelo trabalho que fez no Itaim e região. Eu trabalhava lá. S.Exa. não resolveu tudo o que tinha para resolver porque há mil problemas. Quando vemos um orçamento de pouco mais de 38 bilhões parece um absurdo, muito dinheiro, mas o cobertor é curto, os filhos são muitos. Precisamos brigar.

A rubrica da 1170 que o professor falou, 100 mil reais linear, isso daí será mexido e o Vereador estará atendo a isso. Quando tínhamos o Orçamento Participativo, na década de 80, não existia emenda. As emendas são importantíssimas porque o Vereador traz recurso para a região. Ele é Vereador do Município, mas representa a região e tem de ser cobrado. Não encontramos o Presidente, o Governador, Deputado Estadual ou Federal, e o Senador na feira, mas o Ricardo, eu encontro na feira, então, vou cobrá-lo e vocês têm de cobrá-lo também. S.Exa. é atuante e está conosco todos os dias.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Teixeira) – Obrigado, Dr. Benê, inclusive pelas palavras dirigidas a minha pessoa. Só cumprimos o que está combinado. Trabalhamos o dia inteiro pela Cidade.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada esta audiência pública. Lembramos que a íntegra desta audiência pública constará das notas taquigráficas anexadas ao PL 479/11.

Muito obrigado e bom dia.